

# O trabalho com a infância na pauta de discussões<sup>1</sup>

## *The work with childhood in discussion*

---

### **Valdete Côco**

Professora no Departamento de Linguagens, Cultura e Educação do Centro de Educação, da Universidade Federal do Espírito Santo. Integrante da linha de Pesquisa Cultura, Currículo e Formação de Educadores do Programa de Pós-Graduação em Educação. Coordenadora do Núcleo de Educação Infantil. projetoccena@gmail.com / valdetecoco@hotmail.com

### **Valéria Menassa Zucolotto**

Graduanda em Pedagogia - CE/UFES. Monitora PIBExt projetoccena@gmail.com

### **Edivânia de Souza**

Graduanda em Pedagogia – CE/UFES. Monitora Conexões de Saberes. projetoccena@gmail.com

A temática da infância tem ganhado destaque na agenda pública de modo que é possível observar referências ao tema nos veículos midiáticos com a produção de notícias e reportagens, o desenvolvimento de produtos (programas de televisão, vídeos, livros e outros) focados no público infantil ou em apoio e orientação aos adultos nos processos educativos com as crianças, a inserção da participação das crianças nos meios de comunicação, em especial, no cenário televisivo e também toda uma movimentação social, buscando regular a interação dos veículos midiáticos com as crianças, em especial, questionando os mecanismos de abordagem das crianças como consumidoras. No cenário jurídico vemos um movimento de produção de legislação com vistas à proteção das crianças, repercutindo na proposição de políticas públicas com vistas à garantia dos direitos das crianças, em especial, o direito à educação, e na implementação de ações de investigação e fiscalização de maus-tratos e

---

<sup>1</sup> Texto produzido a partir de apresentação no 4º Congresso de Extensão Universitária: Tecnologias Sociais e Inclusão: Caminhos para a Extensão Universitária – CBEU. Universidade Federal da Grande Dourados, MS, 2009.

abandono. No campo acadêmico delineia-se uma área que ganha corpo com a intensificação de estudos, pesquisas e projetos de extensão em diferentes abordagens, para além da medicina, da psicologia e da pedagogia, que tradicionalmente têm abarcado a temática. Diferentes movimentos sociais acolhem a infância no conjunto de suas lutas. Assim, se constitui um campo amplo e diverso, não circunscrito explicitamente, que tem demandado um diálogo interdisciplinar na abordagem das múltiplas possibilidades de reflexões, estudos e propostas de ação com as crianças.

Esses aspectos ecoam numa primeira indagação sobre como delimitamos ou circunscrevemos a idéia de infância. O estabelecimento dos marcos da infância se constitui como um recorte arbitrário e dependente dos dispositivos institucionais voltados à infância, das representações que a eles estão relacionados e do mercado profissional orientado para determinadas faixas etárias ou agrupamentos específicos. As demandas por processos educativos específicos e por escolarização das crianças antes da idade obrigatória têm fortalecido a idéia de atendimento para a “pequena infância” aliando educação, atenção, cuidado e guarda e têm abarcado variadas instituições no trabalho com as crianças (PLAISANCE, 2004), numa lógica do direito à educação dos pequenos (BOBBIO, 2004).

A lógica do direito dialoga com a lógica da obrigatoriedade da educação, buscando marcar a necessidade e a demanda pela ampliação da oferta, já garantida na lógica do ensino obrigatório. A obrigatoriedade tem por base uma legislação que determina a oferta obrigatória e, em contrapartida, exige a matrícula compulsória de todas as crianças, influenciando nos investimentos para universalização da educação nesta faixa etária. Nesse diálogo, diferentes proposições e reflexões acenam, contribuindo na problematização das práticas educativas escolares, no reconhecimento da necessidade de aproximações entre as ações educativas no contexto das instituições de Educação Infantil (doravante EI) e das escolas, das implicações da ampliação da obrigatoriedade da educação para as crianças pequenas, da reafirmação do direito à EI como elemento mobilizador da expansão da oferta, dentre outras (MOSS, 2002; PINTO, 2007; ANGOTTI, 2009). Nesse contexto, a luta social por direitos e garantias através de políticas públicas para a pequena infância traz à cena a importância de ultrapassar aspectos pontuais como, por exemplo, educação pré-escolar, para tratar a EI, no conjunto das políticas educacionais, como um campo ampliado, relacionado às questões da infância em sua multiplicidade de aspectos.

Esse processo também integra discussões a respeito da especificidade do atendimento às crianças pequenas, mobilizando um alargamento das temáticas em torno da infância, para articular os desafios presentes nas soluções institucionais educacionais com as outras áreas de políticas públicas associadas aos direitos das crianças, configurando assim, uma idéia de escolarização associada a uma responsabilidade coletiva pelas crianças (REDIN, MÜLLER E REDIN, 2007). Nesse contexto, destacamos a articulação com as questões de saúde, de assistência social, de cultura, de lazer, de arquitetura dos espaços públicos e outras, contribuindo tanto na luta pelo direito de acesso quanto no reconhecimento e valorização dos modos próprios de vida das crianças.

Toda essa dinâmica aponta a diversidade das culturas que engendram discursos, representações, leis, prescrições e práticas que delineiam a variedade de instituições voltadas para a infância em correlação com os ofícios e demandas de profissionalização. Permite também considerar o espaço social ocupado pelas crianças (RAYNA & BROUGÈRE, 2000), ou seja, a compreensão do que é a infância, de suas possibilidades e necessidades sofre transformações e não se configura homogeneamente nos contextos sociais. Assim, na problematização do trabalho com a infância, destacamos, numa primeira síntese, a necessidade de tratar a infância e a criança no plural, observando diferentes lógicas no processo de compreensão das infâncias e do diálogo com as crianças. Temos o desafio de considerar a especificidade da infância com seu poder de imaginação, fantasia e criação, observando as crianças em suas singularidades e diversidades, reconhecendo sua inserção ativa nas trocas sociais (BENJAMIN, 1990). Com isso, potencializar um diálogo sensível, a partir da compreensão das crianças como “agentes ativos, que constroem suas próprias culturas e contribuem para a produção do mundo adulto” (CORSARO, 1997, p. 5).

Desse modo, o campo da infância, na interface com outros campos e áreas de saberes, se constitui como um *lugar* que vem ampliando suas fronteiras, com uma circulação intensa de idéias e de propostas evidenciando a intensificação da temática na agenda social e na produção de conhecimento. Assim, na problematização do trabalho com a infância, destacamos também o cenário de movimentação da temática e a complexidade que emerge na proposição de diálogos interdisciplinares, reunindo campos diversos em interação com os processos de escolarização (CÔCO, 2005). Adentrando nessa cadeia dialógica,

o projeto de extensão “Criança em Cena” tem se constituído como *um lugar de conversa* no cenário da universidade, aglutinando trabalhos e pesquisadores, acolhendo a comunidade interessada, explorando diferentes possibilidades de abordagens nos estudos, pesquisas e propostas de trabalhos com a infância e problematizando os processos formativos dos profissionais com vistas a provocar novas responsabilidades, fortalecer o campo, potencializar os profissionais, interagir com as políticas públicas e dar visibilidade às demandas infantis.

## Na cadeia discursiva do trabalho com a infância, o percurso do projeto

Desde 2006, o Projeto “Criança em Cena” vem propondo desafios a pesquisadores, professores, alunos e demais profissionais interessados em questões relacionadas à infância e à Educação infantil com uma metodologia que inclui atividades de estudos, debates e de produção de sínteses, fortalecendo o diálogo entre alunos da graduação e da pós-graduação com os profissionais já atuantes e comunidade. Articulamos as ações das mesas de discussão de temáticas selecionadas com os estudos das disciplinas que focalizam a infância no Curso de Pedagogia, desenvolvendo também grupos de estudos, mostra fotográfica e exposição de trabalhos realizados com crianças pelos profissionais. Também acolhemos demandas das instituições atuando nos processos de formação continuada. Desse modo, discutimos a infância em sua multiplicidade e demandas, atentando para as interfaces das práticas profissionais, em especial da prática docente, com os desafios na sociedade contemporânea, uma vez que a infância ainda sofre com o abandono, a violência, o trabalho infantil, a falta de políticas públicas para esse segmento e a negação de vários de seus direitos, ainda que preconizados nas leis.

Também, investimos na reflexão sobre a infância em sua diversidade e potencialidade, dando visibilidade às formas infantis de participação na vida social. Nessa ótica, os desenhos, as artes plásticas, o cinema e a literatura alicerçam, juntamente com os textos científicos das pesquisas, as temáticas que exploramos. Efetuamos o registro de cada ação também com fotografias, de modo que as sínteses associem o registro escrito às imagens do trabalho realizado. Também aplicamos instrumento de avaliação com vistas a acompanhar as ações, subsidiar as reflexões da equipe<sup>2</sup> e planejar as atividades seguintes. Dessa forma,

---

<sup>2</sup> O projeto, a cada ano, integra, além da professora coordenadora, alunos bolsistas, alunos voluntários e servidores da universidade atuantes no Núcleo de Educação Infantil na equipe de desenvolvimento dos trabalhos. Contamos também com alunos do Programa de Pós-Graduação, professores da universidade e profissionais já atuantes como convidados nas mesas de apresentações de trabalhos.

na problematização do trabalho com a infância, buscamos integrar diferentes saberes e fazeres que contemplem a EI inserida nas discussões da infância e gerar uma visibilidade para o campo no cenário local.

As temáticas trabalhadas demonstram a complexidade da área e evidenciam o percurso dos temas que vão se configurando como pauta, em correlação com os desafios que vão se apresentando no cenário local. Isso não quer dizer que determinados temas sempre existiram ou que, uma vez explorados, serão vencidos. Os temas que compõe as pautas das *lutas de nosso tempo* têm proveniência, em algum momento são evidenciados no inventário das prioridades e, por isso, surgem, passam por transformações, mostram-se marcantes e podem vir a desaparecer. A ampliação e o aprofundamento fazem emergir novos ângulos de possibilidades de discussão, que vão agregando nuances, propondo pausas, aguardando novos acúmulos, num processo que evidencia a negociação do que tomamos como foco imediato. Também dialogam com todo um contexto de políticas e ações que vão configurando as formas de atendimento às crianças, de delineamento dos campos profissionais de atuação no desenvolvimento do trabalho pedagógico, de interação com as crianças e de demandas sociais que delineiam as lutas e conquistas. Assim, mobilizamos tanto um diálogo direto com parceiros que apresentam suas demandas e perspectivas, como inserimo-nos numa cadeia dialógica com diferentes auditórios e interlocuções, em distintos graus de aproximação e responsabilidades (BAKHTIN, 1992). Aqui queremos destacar, na problematização do trabalho com a infância, que temos uma discussão de múltiplas possibilidades. Como um espaço polissêmico e polifônico de reflexões, rupturas e transformações, a temática da infância, com seus elementos entrecruzados com a dinâmica social, indica possibilidades que se revitalizam e não se distancia do contexto das transformações sociais.

Nessa perspectiva, no primeiro ano do projeto a compreensão conceitual da infância centralizou o trabalho, avançando para questões ligadas a leitura e a escrita. Em 2007, os temas vinculados às áreas de conhecimento foram tomando consistência com discussões que focalizaram “Infância e Saúde”, “Geografias da Infância”, “Infância e currículo escolar: música e teatro” e “Infância e outros espaços educativos”. Na interface com os temas relacionados a algumas áreas de conhecimento, a preocupação com a formação dos profissionais mostrou-se recorrente. Com isso, em 2008, o projeto intensificou a atuação nas discussões a

respeito da infância e da EI, considerando os processos de formação inicial<sup>3</sup> e de formação continuada. Agregamos a esse movimento as temáticas do “Cenário infantil na comunidade indígena” e da “Violência na infância”.

A questão da formação de profissionais, que emergiu mais consistentemente em 2008, mostrou-se como demanda que permanece, com novos desafios. Em 2009, a questão do delineamento do campo de atuação, com a presença de vários profissionais (professores, auxiliares, berçaristas, recreadores, dinamizadores e outros), atuando simultaneamente com o mesmo grupo de crianças, emergiu como a demanda mais premente nas discussões (KISHIMOTO, 2004; BONETTI, 2005; KRAMER, 2005; SILLER e CÔCO, 2008; GOMES, 2009; ASSIS, 2009 e outros). Nessa perspectiva, agregamos a produção de pesquisas específicas de mapeamento do quadro funcional, problematizando as questões do trabalho docente na EI. Aliado a esse aspecto, também exploramos a especificidade do trabalho com bebês e a intensificação das campanhas educativas no espaço institucional e avançamos, para além do espaço institucional, na abordagem da temática da infância nos diferentes espaços da cidade. Em 2010, a questão dos estagiários foi incorporada à discussão sobre o trabalho docente. Também as questões ligadas à infância e consumo ficaram evidentes nas sugestões de pauta. Toda essa dinâmica de discussão foi articulada em ações mais focalizadas de grupos de estudos e de realização de pesquisas e em ações de inserção nos contextos das instituições para atividades de formação continuada.

Esse quadro potencializado com o projeto de extensão demonstra as diversas dimensões do campo da infância, mediatizado por uma multiplicidade de abordagens e referenciais teóricos. Também indica as transformações nos processos de institucionalização da infância com implicações na oferta de escolarização e na atuação dos profissionais. O campo indica desafios e convida à mobilização. No desenvolvimento da mobilização, nos meses iniciais de cada ano de realização do projeto, efetivamos estudos entre a equipe com vistas à seleção de temas, considerando o levantamento das sugestões apresentadas nos instrumentos avaliativos. Tomamos como referência para esse processo uma conversa amparada em indagações. Não somos os únicos ou os primeiros a lançar mão de uma temática ou da iniciativa do estudo, já existe uma trajetória consistente de trabalhos nesse campo (FREITAS e KUHLMANN JR. 2002). Na infinitude do contexto dialógico sobre

---

<sup>3</sup> Em função da implementação das novas diretrizes curriculares para o Curso de Licenciatura em Pedagogia, Conforme Resolução CNE/CP Nº 1, de 15 de maio de 2006.

crianças e infâncias pretendemos participar da cadeia dos trabalhos já realizados e provocar novas responsabilidades (BAKHTIN, 1992, p. 413-414).

Nesse jogo do dizer, nossas indagações são carregadas dos *temas da hora*, das preocupações mais visíveis, sem perder a reflexão de longo alcance e a observação dos atravessamentos no processo negociativo de proposição da pauta. Os temas da hora apresentam-nos indagações sobre as desigualdades sociais que ameaçam a infância como uma categoria geracional que está desaparecendo em função da colonização dos mundos de vida infantis pela indústria cultural, sobre a emergência de comportamentos consumistas, individualistas, hipercompetitivos e erotizados, sobre a turbulência que atravessa instituições como a escola e a família, dentre outras (POSTMAN, 1999 e 2002). Vivemos o desafio de considerar a participação infantil na vida coletiva, com formas próprias, como uma possibilidade de criar novo sentido para as mudanças sociais em curso. Um sentido outro que observa a infância, não como preparação para um futuro, mas como um lugar de fusão de tempos na complexa pertença social dos sujeitos (DELGADO e MÜLLER, 2006).

Os temas emergentes também indicam que não podemos desconsiderar que temáticas vinculadas à garantia de direitos, aqui focalizando o direito das crianças, vêm se afirmando num confronto com a observação do estabelecimento de formas cada vez mais sofisticadas de desigualdade social (CASTEL, 1997). Nesses *tempos desconcertantes*, a EI como um direito das crianças vem conquistando cada vez mais afirmação social, no quadro de formulação de políticas de proteção à infância e de reconfiguração dos campos profissionais, em especial do campo da docência, com a passagem da EI dos serviços de assistência social para os sistemas de ensino (RAYNA & BROUGÈRE, 2000; PLAISANCE, 2004; QUINTEIRO e CARVALHO, 2007). Nesse processo de institucionalização da infância, a produção de documentos e diretrizes orientadoras para o trabalho também se evidencia no cenário de discussão. Cada vez mais consistentemente, nossa mobilização revela a aproximação a esses materiais e nossas reflexões se pautam nos indicadores ali presentes (KRAMER, 2003; BARBOSA, 2007; BRASIL, 1994, 1998, 2005, 2006a, 2006b, 2009a e 2009b).

Nesse campo de possibilidades, as atividades são planejadas a partir da ideia de que é importante observar as múltiplas concepções de crianças e de infâncias que se configuram no cenário. Feita a seleção de temáticas, partimos para uma exploração inicial buscando estudos e profissionais que possam contribuir no

debate proposto. Trabalhar considerando o quadro inicialmente desenhado para o projeto requer não perder de vista que nas vicissitudes da palavra encontram-se as vicissitudes da sociedade dos usuários da palavra (BAKHTIN, 1997, p. 194). Temos então, uma articulação entre a ação humana e o contexto situacional indicando os endereçamentos das ações. Nesse sentido, não são apenas temas que elegemos, mas *temas em relação* porque buscamos contribuir com o campo, identificar as impressões que podemos causar e considerar o valor conferido pelo contexto aos aspectos que tomamos como pauta. Assim, não podemos perder de vista que o processo de seleção de temas está implicado com o diálogo entre interlocutores e entre discursos. Com isso, nossas opções também revelam nossa inserção no campo. Consequentemente, no encontro com o *outro*, muitas temáticas são reconfiguradas.

Não pretendemos esgotar o tema, mas conhecer um pouco da atuação dos convidados em seus campos de pesquisas e trabalhos e instigar novas possibilidades de reflexão. Queremos puxar fios que possam desenrolar diferentes perspectivas de abordagens. Na problematização do trabalho com a infância, também vale destacar que o jogo de interlocução permite tanto a aproximação e a articulação de pontes e parcerias quanto o distanciamento, o silenciamento e o estabelecimento dos marcos da diferença. O diálogo pode resultar em convergências (com acordos, adesões, complementos, fusões etc.), em divergências (com embates, questionamentos, recusas, negações etc.) e em intersecções e hibridizações. No diálogo infundável da vida humana, Calvino (1990) nos lembra que cada um de nós é uma enciclopédia, uma biblioteca, um inventário de objetos. Então, talvez o mais importante nesse processo seja considerar as possibilidades de podermos aprender com o outro e ampliar indefinidamente nossa condição de aprendizes. Dessa forma, diferentes percursos formativos dialogam, favorecendo o encontro entre sujeitos e entre estes e os conhecimentos. Vale destacar, ainda, que os processos aproximativos nem sempre abarcam todos os envolvidos e implicados na discussão. Aqui evidenciamos a demanda por incluir as crianças na discussão de pautas que, de diferenciados modos, abordam questões relacionadas a elas (CRUZ, 2009).

Delineado o percurso proposto, sistematizamos o projeto e viabilizamos o processo de divulgação. Entendemos que a divulgação está associada à visibilidade do projeto, repercutindo na visibilidade do campo da educação da

infância no cenário local. Assim, ela diz respeito tanto ao trânsito de informações, possibilitando chegar ao público desejado, quanto à *presença* do campo nas múltiplas ações que são desenvolvidas no cenário da extensão universitária. Para fazer transitar as pautas propostas, partimos da idéia de formação como convite, no sentido proposto por Kramer (2005, p. 222), em que só é possível formar-se com o outro, nos mais diferentes espaços e tempos em que circulam conhecimentos, valores e saberes e em práticas sociais que permitam que a história de cada um possa ser contada e ressignificada em processos contínuos de formação. E esse convite está implicado com a idéia de que à medida que tivermos um número maior de pessoas envolvidas nas questões da pequena infância, ampliamos as possibilidades de estabelecermos processos discursivos mais qualificados no interior do campo educacional e nos campos afins. Assim, teremos uma atuação mais intensa nas lutas e conquistas com vistas a garantir as condições necessárias para o desenvolvimento dos projetos em pauta.

No processo de execução das ações, aprofundamos estudos sobre as temáticas a serem tratadas para facilitar a interação da equipe com os convidados e, a cada atividade, elaboramos uma breve síntese, em apresentação, com a finalidade de aproximar os dados de cada atividade e favorecer a continuidade dos trabalhos. Uma síntese desse material é enviada por e-mail para os inscritos no projeto buscando familiarizar o grupo com essa troca entre os encontros ou atividades. No início de cada atividade, recuperamos os trabalhos anteriores, resgatando o já vivido e relacionamos os temas, investindo na organicidade do projeto. Entendemos que os participantes vão construindo suas trajetórias de formação em articulação à participação no projeto e, simultaneamente, o projeto vai delineando seu itinerário de ação.

Também aplicamos instrumentos avaliativos de modo que o projeto possa ser acompanhado durante sua realização, permitindo ainda a coleta de dados para a produção de sínteses e produtos teóricos. As atividades podem ser consideradas de maneira integrada ou independente. Buscamos garantir uma flexibilidade para a escolha de temas mais próximos aos interesses dos participantes, no entanto, observamos a formação de um público que acompanha o projeto participando da maioria das atividades. Ao final de cada ano, sistematizamos um relatório conclusivo compartilhando a pauta desenvolvida e as avaliações. Com esse relatório, estabelecemos uma interlocução avaliativa com os pares e instâncias da universidade, proporcionando maior visibilidade institucional, e

ampliamos nossa rede interativa com a inserção em eventos e em publicações. Aqui destacamos o papel do registro e da escrita como mobilizadores da pertença ao campo, ampliando o processo de interlocução e fortalecendo a pauta da infância e da EI (PRADO e SOLIGO, 2005 e CÔCO, 2006).

Finalizando o percurso vivido no desenvolvimento do projeto, destacamos também na problematização do trabalho com a infância, que o fato de atuarmos num campo ampliado, não circunscrito explicitamente, mobilizador de diálogos interdisciplinares entre diferentes áreas, potente de abordagens e demandas, também instiga-nos a considerar a negociação dos *territórios* que vão se constituindo na arena discursiva e pautando determinadas lógicas de proposição. Nessa perspectiva, inspiramo-nos na noção de campo de Bourdieu (1996 e 2002) para observar a EI no contexto educacional com um sistema estruturado com uma lógica própria (mesmo que precariamente em muitos contextos), com uma dinâmica que supõe trocas e relações de poder internas e externas. Nesse espaço social, estabelecemos nossas disposições de agir, de conhecer e de trabalhar indicando nosso pertencimento a esse espaço. Assim, integrar esse cenário participando de ações que tomam a infância e a EI como pauta contribui com a ampliação do diálogo, fortalecendo o campo e a EI no cenário educacional. Nessa integração, não se pode desconsiderar os processos negociativos que vão indicando as hierarquias que estabelecemos com os campos com os quais dialogamos e com aqueles de que nos distanciamos. A idéia de construção de pertencimento ao campo aponta que a aproximação é construída em complexidade com lutas e conflitos, integrando nossas singularidades de ação e reação enriquecidas pelas trocas de experiências, de aprendizagens e de interações sociais que vão mobilizando nossos percursos profissionais e compondo nossos investimentos de ação. Na cadeia discursiva dos trabalhos no campo educacional, aventamos a necessidade de entrar em condições diferenciadas, mas não desqualificadas, dadas as especificidades da temática com a qual trabalhamos (ROCHA, 1999; CERISARA, 2004; RUSSO, 2007; SARMENTO e GOUVEA, 2008). O fortalecimento do trabalho que propomos não se desvincula da luta pela conquista de uma condição também igualitária da EI frente às outras etapas e níveis de ensino e não se distancia das forças que movem a sociedade. Também não se distancia das tensões qualificadoras das atividades de ensino, de pesquisa e de extensão que vivemos no cenário acadêmico.

## Considerações finais

Bakhtin ensina que uma experiência humana é não-reproduzível. O caráter de acontecimento deste projeto indica que sua relevância é da ordem da enunciação. Dele “só podemos tirar lições, princípios, orientações e inspirações” (LIMA, 2005, p. 15-16), para produzir novas referências para a pauta da infância e EI. Neste relato, problematizamos o trabalho com a infância a partir do projeto Criança em Cena para destacar a importância de mobilizar espaços de interlocução interdisciplinar, reunindo diferentes instituições e profissionais vinculados à infância e à EI. Esse espaço permite observar o fluxo dos interesses mapeando o campo da EI e da infância no cenário local, articulado aos estudos e proposições que são evidenciados no contexto mais ampliado.

Tomando a possibilidade de constituição de um espaço fecundo ao debate, mobilizando diferentes posicionamentos em função das experiências dos participantes, o dialogismo proposto indica que não acreditamos que há uma última palavra a ser dita, mas que a réplica é sempre possível. Nesse jogo, as contra-palavras que propomos para as atividades do projeto visam o convite ao diálogo no sentido bakhtiniano, ao estabelecimento de uma atitude responsiva ativa. Fortalecemos uma perspectiva de que o que nos une é nosso envolvimento, por diferenciados caminhos, nas temáticas vinculadas à infância e à EI.

Vivemos tempos interessantes, desafiamos não só a temática, mas também as formas de exibir as ideias. As diferentes atividades envolvendo as dimensões culturais (com a projeção de poesias, vídeos, fragmentos de filmes, pinturas, músicas, etc.), acadêmicas (com a realização de palestras, mesas de discussão e apresentação de pesquisa) e do trabalho implementado no cenário das instituições (com as exposições de trabalhos dos professores e das crianças) motivaram o estabelecimento de relações entre a comunidade acadêmica e os profissionais da EI. A implementação do projeto também favoreceu a formação continuada da equipe organizadora. A interação com os pesquisadores, professores, profissionais e com as crianças favoreceu uma aproximação com o “chão das instituições” (com seus dilemas, conflitos, realizações e demandas), articulada com as proposições dos estudos e pesquisas.

Os dados coletados nos processos avaliativos indicam nosso investimento na compreensão do protagonismo dos sujeitos envolvidos nas ações, num movimento que evidencia os mecanismos atuantes no cenário da infância e

da El. Assim, o projeto agrega o sentimento de pertencimento, fortalecendo o campo de estudo através do intercâmbio entre sujeitos e instituições. Reunir múltiplas experiências fortaleceu a necessidade de unir a linguagem da crítica à linguagem da possibilidade. Insistir na infância numa perspectiva de humanização implica o investimento no homem e em novos processos de organização social que atentem para a importância de não só buscar entender as crianças, mas também de aprender com elas propondo, assim, um olhar que olha de novo, de outro jeito (KRAMER, 2003). Enfim, o projeto tem destacado o desafio de fortalecimento de elos entre adultos e crianças, de modo que, sem desconsiderar as divergências e tensões, possamos investir na possibilidade de intercambiar experiências em aprendizagens solidárias, que permitam mostrar às crianças pequenas o que sabemos e valorizamos e que permitam também que possamos aprender com elas novas formas de compreender nossos saberes e perspectivas, na construção de um mundo que considere a participação de todos: crianças, adolescentes, jovens, adultos, idosos. Assim, fortalecer o desafio de fazer com a criança, desenvolvendo uma escuta sensível das demandas e potencialidades infantis e atuando na sua autonomia, sem abdicar de nosso papel de proteção à infância.

Temos como desafios permanentes no projeto, escutar o outro em sua pluralidade de experiências, compartilhar sucessos, fracassos, histórias, acontecimentos, conhecimentos, pesquisas... ampliando nossa atuação na observação dos movimentos educacionais articulados à dinâmica de produção social da realidade. Acreditamos que os participantes trazem aquilo que viveram, são também responsáveis pelo que estamos construindo juntos e vão levar por aí aquilo que produzimos por aqui... Nesse processo de interação viva e tensa, nos abrimos para a experiência do outro incorporando as diferenças e assumindo nosso inacabamento. Estamos sempre nos formando num processo complexo de estar com o outro que envolve também embates sobre o modo de dizer o mundo e de se dizer nele (BAKHTIN, 1992). Nas relações sociais com os outros, com as idéias e com os recursos somos convidados, e por que não dizer interpelados, a efetivar nossos julgamentos e escolhas. Os dados do projeto sinalizam um movimento em que a El vai se fortalecendo mobilizando estudos, pesquisas, experiências profissionais, instituições formativas e redes de ensino. Nesse jogo, as discussões acerca da infância e da El permanecem como um cenário de potencialidade, no interior da continuidade da luta por direitos sociais.

---

**Resumo:** Partindo da observação da intensificação de temáticas vinculadas à infância na agenda social e na produção de conhecimento, dos desafios apresentados ao cenário educativo, em especial, ao campo da formação de professores e das demandas por estudos e discussões na área, exploramos neste texto a trajetória do projeto de extensão “Criança em Cena”. O projeto, iniciado em 2006, propõe desafios a pesquisadores, professores, alunos, profissionais e demais interessados em questões relacionadas à infância com objetivos de promover diálogos interdisciplinares, buscar intercâmbios e divulgar trabalhos e pesquisas. O projeto é desenvolvido em ações integradoras que envolvem palestras e mesas de discussão com temáticas selecionadas, em ações focalizadas de grupos de estudos e formação continuada e em ações que abarcam demandas solicitadas tais como participação em encontros para troca de experiências, trabalhos com instituições e equipes municipais e parcerias no desenvolvimento de disciplinas. Considerando a inserção do projeto na vida acadêmica dos professores em formação, dos profissionais atuantes e no movimento de lutas por políticas públicas para Educação Infantil, problematizamos o trabalho com a infância, considerando as crianças, em suas singularidades, como sujeitos de direitos no contexto das políticas públicas para esse segmento.

**Palavras-chave:** Infância – Educação Infantil – Formação de professores

**Abstract:** Based on the observation that there has been an increase in the discussion of the themes related to childhood in the social and academic field, focusing of the challenges faced by the education scenario, specially, in the field of educators’ professional development and academic teaching programs, besides the demands for studies and discussion in the area, we explored in this article the work with childhood, based on the Project “Children on Scene”. This Project, created in 2006, challenges researchers, teachers, students, professionals, and other members of society interested in the issues related to the childhood, aiming to promote interdisciplinary discussions, to establish partnerships and to share works and researches. Moreover, the project, focus on promoting collaborative actions as lectures and debates, study groups and professional development on issues related to childhood, besides on demand actions, as participation in seminars, events, work with institutions and government educational groups and partnership with university professors. Taking into consideration, the impact of the project in the academic life of pre-service and in-service teachers, on the social movements fights towards public policies for Early Childhood and Pre-School education, we put at stake the work with childhood, taking into account the children and all their singularities, as subjects with rights in the context of the public policies for this segment.

**Keywords:** Childhood – Early Childhood and Pre-School Education – Professional Development

## Referências

- ANGOTTI, M. (org.) *Educação Infantil: da condição de direito à condição de qualidade no atendimento*. Campinas, São Paulo: Editora Alínea, 2009.
- ASSIS, M. S. S. de. Ama, Guardiã, Crecheira, Pagem, Auxiliar... em busca da profissionalização do educador da Educação Infantil. In: ANGOTTI, M. (org.). *Educação Infantil: da condição de direito à condição de qualidade no atendimento*. Campinas, São Paulo: Editora Alínea, 2009, p. 37-50.
- BAKHTIN, M. M. *Estética da criação verbal*. São Paulo: Martins Fontes, 1992.
- BAKHTIN, M. *Marxismo e filosofia da linguagem*. São Paulo: Hucitec, 1997.
- BARBOSA, M<sup>a</sup>. C. S. Projeto Político Pedagógico para a educação infantil. In: REDIN E, MÜLLER F. e REDIN, M. M. (Org.). *Infâncias cidades e escolas amigas das crianças*. Porto Alegre: Editora Mediação, 2007, p. 77-82.

- BENJAMIN, W. *Reflexões: a criança, o brincar, a educação*. São Paulo: Sumus, 1984.
- BOBBIO, N. *A era dos direitos*. Rio de Janeiro: Elsevier, 2004.
- BONETTI, N. Leis de diretrizes e bases e suas implicações na formação de educadores de educação infantil. In: MARTINS FILHO, A. J. (Org.). *Criança pede respeito*. Porto Alegre: Mediação, 2005, p. 109-160.
- BOURDIEU, P. *Pierre Bourdieu entrevistado por Maria Andréia Loyola*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2002.
- BOURDIEU, P. *Razões práticas: sobre a teoria da ação*. São Paulo: Papirus, 1996.
- BRASIL. MEC/CNE/CP. Resolução CNE/CP Nº 1, de 15 de maio de 2006. Institui Diretrizes Curriculares Nacionais para o Curso de Graduação em Pedagogia, licenciatura. Disponível em <[http://portal.mec.gov.br/cne/arquivos/pdf/rcp01\\_06.pdf](http://portal.mec.gov.br/cne/arquivos/pdf/rcp01_06.pdf)>.
- BRASIL. MEC/SEB. *Critérios para um atendimento em Creches que Respeite os Direitos Fundamentais das Crianças*. Brasília: MEC/SEB: 2009b.
- \_\_\_\_\_. *Indicadores da Qualidade na Educação Infantil*. Brasília: MEC/SEB: 2009a.
- \_\_\_\_\_. *Parâmetros Básicos de Infra-Estrutura para Instituições de Educação Infantil*. Brasília: MEC/SEB: 2006b.
- \_\_\_\_\_. *Parâmetros Nacionais de Qualidade para a Educação Infantil*. Brasília: MEC/SEB: 2006a.
- \_\_\_\_\_. *Política Nacional de Educação Infantil: pelo direito das crianças de zero a seis anos à Educação*. Brasília: MEC/SEB: 2005.
- \_\_\_\_\_. *Referencial Curricular Nacional para a educação Infantil*. Brasília: MEC/SEB 1998.
- BRASIL. MEC/SEF/COEDI. *Por uma política de formação do profissional de educação infantil*. Brasília, 1994.
- BRASIL. Resolução CNE/CEB Nº 05, de 17 de dezembro de 2009b. Fixa Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil. Disponível em <[http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com\\_content&view=article&id=12579%3Aeducacao-Infantil&Itemid=859](http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_content&view=article&id=12579%3Aeducacao-Infantil&Itemid=859)>
- CALVINO, I. *Seis propostas para o próximo milênio*. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.
- CASTEL, R. As transformações da questão social. In: BÓGUS, L. et al (orgs.). *Desigualdade e a questão social*. São Paulo: EDUC, 1997.
- CERISARA, A. B. Por uma pedagogia da educação Infantil: desafios e perspectivas para as professoras. In: BARBOSA, R. L. L. *Trajetórias e perspectivas da formação de educadores*. São Paulo: UNESP, 2004, p. 347-356.
- CÔCO, V. A dimensão formadora das práticas de escrita de professores. Programa de Pós-Graduação em Educação. Universidade Federal Fluminense: 2006; tese de doutoramento. Disponível em <[http://www.uff.br/pos\\_educacao/joomla/images/stories/Teses/cocot2006.pdf](http://www.uff.br/pos_educacao/joomla/images/stories/Teses/cocot2006.pdf)>.
- \_\_\_\_\_. Educação infantil: revisitando algumas questões no cenário do pertencimento aos sistemas de ensino. *Caderno de pesquisa em Educação*, PPG-UFES, nº 22.v.11, jul./dez 2005.
- CORSARO, W. *The sociology of childhood*. Califórnia: Pine Forge, 1997.
- CRUZ, S. H. V. *Criança Fala: a escuta de crianças em pesquisa*. São Paulo: Cortez, 2009.
- DELGADO, A. C. C. e MULLER, F. Infâncias, tempos e espaços: um diálogo com Manuel Jacinto Sarmiento. In: *Currículo sem Fronteiras*, v. 6, n.1, pp.15-24, jan/jun 2006. Disponível em <[www.curriculosemfronteiras.org](http://www.curriculosemfronteiras.org)>.

- FREITAS, M. C. de; KUHLMANN JR, M. (orgs.) *Os intelectuais na história da infância*. São Paulo: Cortez, 2002.
- GOMES, M. de O. *Formação de professores na educação infantil*. São Paulo: Cortez, 2009.
- KISHIMOTO, T. M. O sentido profissionalizante para o educador na infância. In: BARBOSA, R. L. L. *Trajétoérias e perspectivas da formação de educadores*. São Paulo: UNESP, 2004, p. 3329-346.
- KRAMER, S. (org.). *Profissionais de educação infantil: gestão e formação*. São Paulo: Ática, 2005.
- \_\_\_\_\_. Direitos da criança e projeto político-pedagógico na Educação Infantil. In: BAZÍLIO, L. C. e KRAMER, S. *Infância e Direitos Humanos*. São Paulo: Cortez, 2003, p. 51-81.
- LIMA, M. E. C. de C. *Sentidos do trabalho: a educação continuada de professores*. Belo Horizonte: Autêntica, 2005.
- MOSS, P. Para além do problema com qualidade. In: MACHADO, M. L. (org.). *Encontros e desencontros em educação infantil*. São Paulo: Cortez, 2002; p. 17-25.
- PINTO, M. R. B. Tempos e espaços escolares: o (des)confinamento da infância. In: QUINTEIRO, J., CARVALHO, D. C. e SERRÃO, M. I. B. (orgs.). *Participar, brincar e aprender: exercitando os direitos da criança na escola*. São Paulo: Junqueira & Marins, 2007, p. 91-115.
- PLAISANCE, E. Para uma sociologia da pequena infância. *Educação e Sociedade*. São Paulo: Cortez; Campinas, CEDES, n.86, jan./abr.2004, p. 221-241.
- POSTMAN, Neil. *O desaparecimento da infância*. Rio de Janeiro, Graphia, 1999. Tradução: José Laurenio de Melo e Suzana Menescal.
- \_\_\_\_\_. *O fim da educação*. Rio de Janeiro, Graphia, 2002. Tradução: José Laurenio de Melo.
- PRADO, G. do V. T. e SOLIGO, R (orgs.). *Porque escrever é fazer história*. Campinas, São Paulo: Graf. FE, 2005.
- QUINTEIRO, J.; CARVALHO, D. C. *Participar, brincar e aprender: exercitando os direitos da criança na escola*. São Paulo: Junqueira & Marin, 2007
- RAYNA, S.; BROUGÈRE, G. *Tendences et innovations dans l'éducation préscolaire: perspectives internationales*. Paris: INPR, 2000.
- REDIN E, MÜLLER F. e REDIN, M. M. (Org.). *Infâncias cidades e escolas amigas das crianças*. Porto Alegre: Editora Mediação, 2007.
- ROCHA, E. A.C. *A Pesquisa em Educação Infantil no Brasil: trajetória recente e perspectivas de consolidação de uma pedagogia*. Núcleo de Publicações, CED/UFSC, 1999 (Série tese: 2).
- RUSSO, D. De como ser professor sem dar aulas na escola da infância. In: FARIA, A. L. G. e MELLO, S. A. (Orgs.). *Territórios da Infância: Linguagens, tempos e relações para uma pedagogia para as crianças pequenas*. Araraquara: JM Editora 2007, p. 57-83.
- SARMENTO, M. e GOUVEA, M. C. S. de. *Estudos da infância: educação e práticas sociais*. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2008.
- SILLER, R. R e CÔCO, V. O ingresso de profissionais na Educação Infantil: O que indicam os editais dos concursos públicos. 31ª Reunião Anual da Associação Nacional de Pós-graduação e Pesquisa em Educação – ANPED, Caxambu, 2008. Disponível em <<http://www.anped.org.br/reunioes/31ra/1trabalho/GT07-4250--Int.pdf>>.

Recebido em novembro de 2010

Aprovado em dezembro de 2010